



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU***  
**DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR**

**CARLOS AGUIAR TERTO GONÇALVES**

**O PERSPECTIVISMO DE NIETZSCHE NA ARTE DE**  
**ENSINAR COMO PROCESSO EMANCIPATÓRIO,**  
**LIBERTADOR E INCLUSIVO**

**JUAZEIRO DO NORTE-CE**

**2023**

CARLOS AGUIAR TERTO GONÇALVES

**O PERSPECTIVISMO DE NIETZSCHE NA ARTE DE  
ENSINAR COMO PROCESSO EMANCIPATÓRIO,  
LIBERTADOR E INCLUSIVO**

Trabalho apresentado à coordenação de Pós-Graduação do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio como requisito para obtenção do título de especialista em Docência do Ensino Superior.

Orientador: Dr. Joaquim Iarley Brito

JUAZEIRO DO NORTE-CE

2023

## RESUMO

Esse trabalho busca analisar o desenvolvimento educacional na história e propor o perspectivismo nietzschiano como forma de emancipação e inclusão da pessoa. O perspectivismo nietzschiano seria a apropriação das experiências humanas, negando significados dados objetivamente, e afirmando que tudo o que se conhece não passa de interpretação, ou seja, pontos de vistas. Esse caminho considera as condições sociais, psicológicas, religiosas, físicas da pessoa; tornando-se um itinerário educacional inclusivo, prazeroso e eficaz. Esse trabalho não tem a pretensão de esgotar o pensamento perspectivista de Nietzsche, mas de propor uma educação inclusiva e voltada para a vida da pessoa, de forma que ela seja mais criativa

**Palavras-chave:** Perspectivismo; Educação; Interpretação.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the educational development in history and to propose the Nietzschean perspective as a way of emancipation and inclusion of the person. The Nietzschean perspective would be an appropriation of the human experiences, denying objectively given meanings, and to affirm that all that is known is nothing but interpretation, that is, points of view. This way considers the social, psychological, religious, and physical conditions of the person, becoming a inclusive, pleasant and efficient educational itinerary. This paper does not have the purpose of emptying the perspectivist thought of Nietzsche, but above all to propose a inclusive education oriented towards people's lives, in such a way that it may be more creative.

**Keywords:** Perspectivism. Education. Interpretation.

## INTRODUÇÃO

No percurso da filosofia antiga, diante da problemática da permanência e do devir, Platão desenvolveu sua metafísica alegando a existência de um mundo sensível, que seria um mundo das aparências e um mundo inteligível – que para ele seria o real. Desde a apresentação de tal teoria, a moral, a educação e as demais áreas humanas buscaram se sustentar na ideia de um bem essencial. No medievo a Igreja Católica toma esses conceitos para desenvolver seu pensamento e modo de vida. Na modernidade – especialmente com Descartes também se supervaloriza a ideia de razão, reduzindo a existência ao ato de pensar, como se a referência para existir fosse a consciência da existência.

Desenvolver uma pedagogia que se fundamenta em realidades metafísicas se reduziria a essencialismos, universalismos, moralismos e aquela concepção de melhoramento do humano e da humanidade. Isso cristalizaria todo o processo educacional, uniformizando os discentes, desconsiderando seu mundo, sua identidade, sua história de vida, seu corpo, sua existência. A nossa dificuldade está exatamente no método e na linguagem que ainda carrega a ideia de que existe um conhecimento em si e que deve ser “passado” de educador para educando, sendo que o processo de conhecer não é um abstrair o conceito da coisa, como se nela já existisse, mas de interpretação, de criação, de perspectiva.

Friedrich Nietzsche, grande filósofo alemão, com sua filosofia a “golpes de martelo”, apresentou bem isso. Ele, nada sistemático, foi muitas vezes acusado de contraditório exatamente por falar de várias perspectivas de um mesmo objeto. Sua teoria do conhecimento seria o Perspectivismo, entendido como a dissolução da ideia de substância, da lógica dos fundamentos e dos ideais e essenciais.

O perspectivismo nietzschiano seria a apropriação das experiências humanas, negando significados dados objetivamente. É preciso salientar, que não se trata de um relativismo, porque ele não nega o conceito de verdade, enquanto consenso, mas sim que existe uma verdade absoluta – ou ser em si – por isso perspectivismo. cremos que quando se aplica o perspectivismo à

educação, o processo se torna mais eficaz, porque o discente tem a capacidade de construir seu conhecimento partindo de sua própria história, de seu campo semântico, sem aquele receio de que é obrigado abstrair conceito em si, de que existe “padrões” de conhecer, de avaliar, de estudar. Esse caminho considera as condições sociais, psicológicas, religiosas, físicas da pessoa; tornando-se um itinerário educacional inclusivo, prazeroso e eficaz.

Esse trabalho não tem a pretensão de esgotar o pensamento perspectivista de Nietzsche, mas de propor uma educação inclusiva e voltada para a vida da pessoa, de forma que ela seja mais criativa, não no sentido de captar algo em si, mas se emancipar o homem e não enquadrá-lo a um padrão. Hoje se fala muito da inclusão e de pedagogias com metodologias ativas, mas se não nos atentamos a pensar na variedade de “mundos” que temos dentro de uma sala de aula, nossas metodologias poderão tomar os mesmos rumos das pedagogias tradicionais. Em relação as metodologias que utilizamos, no que se refere a pesquisa, sua natureza, apesar de tender para a aplicada, ela é básica. Para isso percorremos o caminho da pesquisa Exploratória e a Bibliográfica.

## 1º A EDUCAÇÃO E SEU DESENVOLVIMENTO NA HISTÓRIA

Quando se fala em educação, especialmente no ensino superior, podemos pensar em uma possibilidade de liberdade de pensamento, uma capacidade do indivíduo de “descobrir” um mundo de sentidos mediado por técnicas que o ajudem a fazer esse caminho. Muitos foram os que se dedicaram aos métodos, didáticas e tantas perspectivas que favorecessem o processo ensino-aprendizado. Ainda estamos longe de uma prática educacional que favoreça esse processo considerando a diversidade de “mundos” que é o ser humano. Durante toda a história, avaliou-se os meios e se desenvolveram outras práticas para que a educação estivesse ao alcance de todos; o questionamento que se faz gira em torno da prática cristalizada e universalizante do método, tanto no estilo tradicional como nas didáticas modernas. Caminharemos um pouco na história para identificar essa dificuldade em seus períodos.

Na antiguidade, temos várias civilizações que investiram na educação de seus membros. Entre elas, destacamos duas: a grega e a romana. Na Grécia temos a antiga *paideia*, que era uma escola onde o estado educava, especialmente homens, depois dos sete anos. Dependendo de suas predisposições e posses eram direcionados para atividade militares, políticas etc. Sobre este tipo de educação diz Aranha (2006,P.64):

“Fortalecia o corpo ao mesmo tempo que aprendia o domínio sobre si mesmo já que a educação física nunca se reduzia mera destreza corporal, mas vinha acompanhada pela orientação moral e estética. Aprendia a tocar instrumentos como cítara e flauta, bem como, canto e poesias”.

Ainda na Grécia, no campo da filosofia, temos três grandes mestres que deram uma vasta contribuição e se tornaram referências para toda reflexão filosófica até os dias de hoje: Sócrates, Platão e Aristóteles. Todos os três desenvolveram suas filosofias a partir do modelo metafísico e com perspectiva do melhoramento do homem, assim como no modelo da *paideia*.

Sócrates defende a fé na razão e a convicção de que existe uma verdade invariavelmente válida. Sua principal preocupação era levar as pessoas à sabedoria e a praticado bem através do autoconhecimento. Platão defendia que a educação consiste na atividade que cada homem desenvolve para conquistar ideias e viver

de acordo com elas, para ele o fim da educação é a formação moral do homem, e o meio de atingi-la é o Estado, na medida em que ele representa a ideia de justiça, ou seja, defendia que a educação seria responsabilidade do estado. Para Aristóteles, cabe a educação formar para a vida pública e o melhor caminho para alcançar esse objetivo é formar para a prática da virtude, a finalidade da educação é a felicidade ou o bem, a função da razão é dirigir a conduta humana. (C. Piletti, N. Piletti, 2018, p. 28-32)

Na Idade Média, se destaca dois modelos de educação: a educação árabe e a educação católica. Chamada, equivocadamente, de “idade das trevas”, esse período tem sua grande importância para a educação, especialmente para o ensino superior, como a criação das universidades, por exemplo. Em relação a educação católica, a Igreja, especialmente na Europa, estava no topo da pirâmide social, a principal preocupação era em relação as heresias, na educação bizantina não se tem muitos relatos sobre a educação básica e se tinha a liberdade do estudo de autores clássicos.

Dava-se ênfase à vida religiosa e havia preocupação com as heresias. Há pouca documentação a respeito do ensino primário e secundário, mas é certo que não havia predomínio do ensino religioso nas escolas, e os clássicos eram estudados sem restrição, características que distingue suas escolas daquelas do Ocidente. A formação era humanista e a preparação de funcionários capacitados para a administração do Estado. Sobre as escolas superiores existem informações mais detalhadas, com destaque para a universidade de Constantinopla, importante centro cultural. (ARANHA, 2006, p. 104)

Neste período, segundo Sousa (2021, p.15), alguns clássicos pagãos são estudados e se desenvolve uma filosofia e a teologia partindo, especialmente, de Platão (no período Patrístico) e Aristóteles (no Período Escolástico). É necessário salientar três escolas que se destacaram na idade média: a Monacal, para o ensino dos monges, nela se ensinava bíblia, canto, aritmética, retórica e dialética; a escola Palatina, funcionava nos palácios, e ensinava as setes artes liberais: o *Trivium* (gramática, retórica e dialética) e o *Quadrivium* (geometria, aritmética, astronomia e música); e, por fim as escolas Catedrais, ensino vinculado aos interesses burgueses.

Os árabes tiveram grande importância no desenvolvimento intelectual do ocidente, devido a expansão do islã, especialmente no século VI, quando os árabes conquistam a Pérsia, a Mesopotâmia e a Síria, se deixaram impregnar por muitas culturas, foram detentores por muito tempo dos textos de Aristóteles,

comentando e traduzindo-os para siríaco e o árabe, esses textos influenciaram muitos como, por exemplo, Avicena e Averróis. Eles tinham escola básica e superior, sendo que o primeiro momento era para o estudo do Alcorão. Via-se a importância do estudo no sentido político, para a formação, desde cedo, dos califas e também de seus súditos. A educação islâmica se dava da seguinte forma:

O ensino, geralmente era ministrado na mesquita que é o centro religioso, político e cultural da vida do povo árabe.(...) O ensino elementar era focado no aspecto moral e religioso já o ensino superior, sem deixar de lado o aspecto religioso englobava todos os ramos do saber da época, elas eram independentes e contavam com professores judeus, mulçumanos e cristãos ensinando simultaneamente, além de estudantes de todo o ocidente.(C. Piletti, N. Piletti, 2018, p. 48-50)

O período chamado moderno é marcado especialmente pela supervalorização da razão, em detrimento as superstições e a supremacia religiosa, afastando-se da Igreja e seus valores. O homem, toma o centro do interesse intelectual, se acentua o espírito crítico e a individualidade, um movimento muito conhecido desta época foi o Humanismo. Esse período compreende de 1453 – 1789 (sec. XV ao sec. XVIII). Neste período a medicina deu grandes passos, especialmente na anatomia, com a liberdade para estudos com cadáveres, a astronomia com várias descobertas, especialmente o modelo heliocêntrico, a descoberta do “novo mundo” com as grandes navegações etc.

Dentre essas coisas, um dos eventos que mais influenciou a mudança de paradigma foi a Reforma Protestante com o luteranismo, o calvinismo e o anglicanismo. Um dos pilares fundamentais da Reforma é a *Sola Scriptura*, a Bíblia é a autoridade máxima para a vida moral e de fé protestante, por isso, todos deviam ter acesso a ela. Nesta época, se tinha poucos letrados. E Lutero pensou a educação para que as pessoas pudessem ter acesso, e esse acesso significava ler e interpretar. Segundo C. Piletti, N. Piletti (2018, p. 62), modelo de educação protestante, pensado por Lutero, se desenvolvia da seguinte forma:

Lutero foi um dos responsáveis pela formulação de ensino público que serviu de modelo para a escola atual. É dele a ideia da escola pública para todos organizada em três ciclos: fundamental, médio e superior. Além disso, a educação não devia ser só responsabilidade da escola. (...) Por isso ele defendia que as escolas fossem mais amplas e abertas do que eram em sua época.

Como reação da Igreja, temos a contrarreforma com o Concílio de Trento (1545-1563) e a criação de novas Ordens, com o fim de ensinar e catequisar, de forma especial as terras que estavam sendo colonizadas. Entre estas, se destaca a Companhia de Jesus (os Jesuítas), criada em 1534 por Inácio de Loyola. Eles formaram inúmeras gerações. O sucesso dessa companhia, criada para este fim e para o aspecto missionário, se deu devido uma formação extremamente rigorosa e uma metodologia muito bem definida e padronizada. A *Ratio Studiorum*, era uma espécie de manual que apresentava noções pedagógicas e didáticas de memorização e emulação.

Na atualidade, muitas escolas e correntes emergiram tais como a tradicional, a cultural, humanista, construtivista, piagetiana, sócio-cultural e tantas outras. A grande novidade está no papel do aluno e do professor: se nas escolas passadas o aluno era visto como receptor passivo, que ia receber informações para assim aprender, e o professor era a autoridade que detinha o conhecimento e iria “repassar” para o aluno, agora o aluno é visto como autônomo e protagonista do seu processo de aprendizado já o professor como um mediador que facilita esse processo. Os métodos que vem se desenvolvendo levam em consideração esse novo modelo de sala de aula. Grandes nomes participaram e participam da construção desse novo caminho, tais como Paulo Freire, Maria Montessori, Jean Piaget, Lev Vygotsky, Antonio Gramsci, José Carlos Libâneo e tantos outros.

Vemos que há em alguns períodos uma tendência de universalização de métodos, em outros uma educação de cunho religioso, metafísico, com métodos cristalizados, um tradicionalismo com o intuito de melhoramento do homem, e mesmo colocando o aluno como protagonista, quem escolhe o método e a didática é o professor, não levando em consideração que em cada aluno há um “mundo” e uma realidade diferente e que se um método ou linguagem favorece a um, a outros pode não favorecer. Isso dificulta a aprendizagem, gera desinteresse e distração e não produz o efeito desejado no discente.

## **2º O PERSPECTIVISMO APLICADO A EDUCAÇÃO COMO CAMINHO DE AUTONOMIA DO INDIVÍDUO**

Vemos acima as várias tentativas de propor uma educação que favorecesse o processo de aprendizagem do indivíduo. Nos primeiros períodos, percebemos uma educação muito marcada por princípios metafísicos, elitista e caracterizado pela ideia de melhoramento do homem; nos dois últimos períodos, rompe-se com a base metafísica, porém se mantém a ideia de uma educação que melhore o indivíduo, como se existisse um perfil ideal para se alcançar. Desenvolveu-se, especialmente nos últimos dois séculos, várias perspectivas pedagógicas que tentam fornecer ao docente ferramentas e caminhos que favoreçam o processo de aprendizagem; o problema está em canonizar uma técnica como única possível, de acordo com a vontade do professor e não com as diversas necessidades do aluno, e não aceitar caminhos diferentes.

Sabemos que cada ciência tem sua linguagem própria, maneiras variadas de se chegar a determinados resultados, porém o processo de conhecer é diverso, cada indivíduo olha para um determinado objeto de acordo com o seu campo semântico. Logo uniformizar um caminho e uma perspectiva, seria amputar a capacidade do aluno de aprender. Diante dessa situação, propomos uma reflexão sobre o processo de ensino, partindo do Perspectivismo Nietzscheano, uma forma de pensar o aprendizado, em perspectiva, desenvolvido pelo, não convencional, Friedrich Nietzsche.

O nosso novo 'Infinito' - até onde se estende o caráter perspectivista do existente, ou se este tem ainda qualquer outro caráter, ou se um existente sem explicação, sem 'sentido', não será 'absurdo', ou, por outro lado, se todo existente não será essencialmente um existente a interpretar - é o que não pode ser averiguado, nem mesmo pela análise e pelo auto-exame mais estrénuos e escrupulosos do intelecto. Isto porque o intelecto humano não poderá deixar de se ver, ao proceder a essa análise, através das suas formas perspectivista, e só elas. (Nietzsche, Antologia de textos de Nietzsche, 1989.Org. Antonio Marques, p65)

Filosofar a golpes de martelo, assim era a forma como Nietzsche pensava, e isso se dava porque todo o seu pensamento "agredia" bases do pensamento ocidental que se estabeleceram, tal como a ideia de transcendente (todo

princípio metafísico) no que se refere aos valores e também a vida (nisso inclui a ideia de melhoramento do homem). Para Nietzsche não existe uma coisa em si, nem um mundo ideal onde estão os conceitos e nos lembramos por reminiscência e muito menos um conceito já pré-estabelecido na coisa que a gente possa conhecer por abstração. O conhecer nada mais é do que interpretar, tudo o que está em nossa volta só tem sentido porque nós interpretamos. Todo ser humano tem em si a Vontade de Poder, que é a força que torna o homem capaz de produzir valores e também de conhecer; é uma pluralidade de forças que induz o indivíduo a auto afirmar-se, a criar etc.

Portanto, conhecer é um processo de poder no qual estão forças criativas, um processo que culmina em figuras e ideias acabadas, poderosas e vitais. O que afirma dessa maneira então é chamado de verdade. Nesse processo a verdade é um poder que se torna verdadeira na medida em que se impõe. (Safranski, 2002. P.362-263)

Conforme visto acima, um ponto importante no perspectivismo Nietzscheano é o conceito de verdade. Como não existe nenhum conceito a priori, tudo é fruto de interpretação, assim também é a verdade. Para Nietzsche, as verdades são interpretações do homem em relação a realidade, são perspectivas em meios a muitas outras perspectivas. É importante salientar que Nietzsche não é relativista, ele não defende a não existência de verdade, pelo contrário, o que ele critica é a fundamentação metafísica que se cria por trás desse conceito, quando se universaliza uma perspectiva, quando se canoniza um caminho como único verdadeiro. Perspectivismo não é relativismo. Sobre a verdade, Nietzsche afirmava que, não passa de “um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso parecem a um povo como sólidas, canônicas e obrigatórias” (Nietzsche, 1993. P 8)

O perspectivismo nietzscheano busca dissolver a ideia de substância, isso significa que para Nietzsche não existe fatos puros, em si, mas apenas apropriações humanas de determinadas experiências, automaticamente de despreza toda aquela lógica dos fundamentos, das realidades essenciais e ideais. E rejeitando todo fundamento metafísico, Nietzsche não tem a intenção de pôr outro fundamento, mas apenas substitui-lo pela perspectiva. “Contra o

positivismo, que se fica pelo fenômeno de que há apenas fatos, eu diria: precisamente o que não existe são fatos, mas tão só interpretações” (Nietzsche 1989,p94).

A espontaneidade e a diversas possibilidades que o perspectivismo nietzschiano propõem, faz com que o mundo de sentidos se torne infinito. É poético, incentivador quando se faz o seu próprio caminho, quando se ver que tem capacidade de conhecer, quando sua condição não é uma imperfeição ou deficiência, quando você consegue entender que as formas de aprender são diversas e você não tem que se angustiar por não caber no processo do outro.

“Quando qualquer traço do realismo desaparece e somente resta o que passa a ser interpretação segundo as categorias próprias do sujeito, o que afinal perspectiva ou produção autônoma de uma espontaneidade, então ‘o mundo voltou a torna-se para nós, uma vez mais, infinito, na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de ele conter em si um número infinito de representações” (...) É pois fácil ver no novo mundo infinito, próprio do perspectivismo nietzschiano, a completa instalação da possibilidade como processo correlato da total auto-afirmação moderna. A divinização de algumas perspectivas dentro desse novo mundo seria algo ilícito na medida em que à partida as hierarquias ontológicas desapareceram sem deixar rastros ou princípios”. (Nietzsche, Antologia de textos de Nietzsche, 1989.Org. Antonio Marques, pp43-44)

Se pensamos uma educação que não é marcada pelo viés metafísico e unitário, criamos possibilidade de entendermos uma educação que compreende alunos reais, plurais e que são uns diferentes dos outros. Quais seriam as principais características de uma pedagogia marcada pelo viés metafísico? Seria uma educação marcada por um essencialismo, moralismo, universalismo e pela ideia de aperfeiçoamento humano e melhoramento da humanidade. Se abraçamos o perspectivismo nietzschiano e aplicamos ao processo educacional temos a possibilidade de produzirmos um caminho educacional do múltiplo e não do uno, nos afastamos de realidades abstratas e abrimos possibilidades para o aluno concreto, para sua realidade, suas perspectivas. Isso é criador de sentidos e possibilita as modificações e transformações necessárias.

Nietzsche, também chamado filósofo da suspeita, direciona sua suspeita sobre a cristalização semântica da linguagem, que seria exatamente uma postura nietzschiana de negação de uma existência de significados que foram dados de forma objetiva. Como já foi falado muitas vezes, a filosofia a golpes de

marteladas, tende a derrubar qualquer argumento heterônomo que se proponha a colocar verdades como objetivas, significados como essenciais, sendo que estes, neste contexto, são inteiramente ilusórios. Sobre isto fala Azeredo: “A questão não se coloca em termos de conotação ou denotação, mas da interpretação, ou seja, do processo anterior que institui, e relaciona o signo, o significante e o significado” (Azeredo, 2010. P 146).

Quando se aplica o perspectivismo à educação, especialmente no ensino superior, tornamos o processo de aprender algo que não é um fardo enfadonho ou um caminho de sofrimento que o indivíduo é obrigado a trilhar, como uma espécie de martírio. A educação tem que ser algo que gere prazer, alegria, desejo de interpretar as coisas. O processo de emancipação e autonomia do aluno começa exatamente, quando ele compreende que não existe um conhecimento puro, um caminho universal para conhecer apreender conteúdo, mas que tudo é múltiplo, que ele tem capacidade de, a partir do seu lugar no mundo, dialogar com as diversas interpretações. O perspectivismo leva em conta o particular, a situações psicológica, social, familiar etc. da pessoa; por isso Nietzsche insiste em repudiar um método cristalizado, puro e universal, e prega a necessidade de uma libertação da “contemplação do alto”, para acreditar em si, nas próprias vísceras, na vontade, naquilo que realmente é: o mundo.

Onde há beleza? Onde eu, com toda a vontade, devo querer, onde quero amar e extinguir-me, para que uma imagem não permaneça somente imagem. (...) Mas, agora, o vosso castrado olhar de esguelha quer chamar-se “contemplatividade”! E aquilo que se deixa acariciar com os olhos covardes deveria batizar-se de “belo”. Ó perversores de nobres nomes! (...) Ousai, primeiro, acreditar em vós mesmos – e nas vossas vísceras! Quem não acredita em si mesmo mente sempre. (Nietzsche, Assim Falou Zaratustra, p 154)

A filosofia Nietzscheana descarta a tradicional dicotomia de bom e mau, de inteligível e sensível, de alma e corpo. O que somos é o corpo, o que temos é o real, esse mundo da forma como se apresenta, então conhecer é experimenta-lo, é sentir, é autoafirmar-se, é ser no mundo. Desmistifica toda e qualquer pretensão de universalizar o processo de conhecimento, seja ela religioso, mitológico e científico. Quando a ciência tem a pretensão de ser a única interpretação da realidade, ela cai no mesmo erro dogmático das religiões. A verdadeira interpretação parte da consciência de que se é mais uma

possibilidade de ver o mundo, isso nos torna capazes de respeitar o caminho de cada um, o processo de conhecimento individual e tolerarmos as perspectivas que são diferentes da nossa.

Para uma interpretação mais honesta (*redlich*) do naturalismo de Nietzsche e para uma reinterpretação desdivinizada tanto da realidade humana quanto do mundo em que nos encontramos de um modo que faça jus à diversidade e à riqueza de suas manifestações, faz-se necessário uma ampla gama de disposições e perspectivas que perpassam e vão além de uma interpretação meramente científica, incluindo concepções fisiológicas, neurológicas, psicológicas, antropológicas, culturais, históricas, morais, biográficas, sociológicas, entre outras. (Neto, 2021)

É um caminho desafiador, mas extremamente necessário, pede do docente um olhar especial para seu plano de aula, para que ele tenha a capacidade de atingir a cada aluno na sua individualidade. Tendemos, diante do novo, a sempre associar perspectivas que nos aparecem a traços e linhas antigos, talvez pelo medo do diferente, pelo receio do fracasso, mas só se tem êxito nesse processo, quando se ousa. O aluno quando se apropria da sua formação e o toma para as suas vísceras, como que assumir em si o desejo de conhecer, torna o espaço educativo um ambiente livre e emancipatório, onde tem todo o necessário para crescer e tornar-se aquilo que é.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível pensarmos a educação superior de forma inclusiva, que consiga formar a pessoa despreziosa de uma ideia de melhoramento, que não se padroniza e cristaliza, mas se abre a possibilidades. Uma educação que se dialoga e se constrói, porque leva em conta a situação do sujeito que aprende, possibilita caminhos de interpretação, de associação e analogias. O aluno que se afirma e se apropria do seu processo de conhecer, tem a capacidade criativa de dá sentido e valor as coisas, e isso é motivo de prazer para ele. Esse processo não lhe é algo chato, impositivo, e doloroso. Até as situação mais complexas e desafiadoras, assim também como os fenômenos mais simples, quando bem vividos e aceitos se tornam possibilidades de um justo conhecer. Como diria Nietzsche, sejamos gratos – com o nosso proceder – aqueles que, antes de nós, nos incentivaram a olhar de uma forma diversa e não universalizante.

“Finalmente, não nos mostremos ingratos, nós que somos justamente homens de conhecimento, com os que mudaram por completo os pontos de vista do espírito humano; na aparência foi uma renovação inútil, criminosa; mas querer ver de modo diverso dos outros, não é pouca disciplina nem pouca preparação do intelecto para sua futura “objetividade”, entendendo por esta palavra não a “contemplação desinteressada” (que é um monstro conceitual e contra-senso), senão a faculdade de dominar o pró e o contra, servindo-se de um e de outro para a interpretação dos fenômenos e das paixões úteis para o conhecimento.” (Nietzsche, A Genealogia da Moral, Terceiro Tratado, n12)

Quando se justifica uma educação com bases metafísicas, essa educação não emancipa a pessoa, mas somente reproduz um modo, um jeito de pensar a realidade como se fosse absoluta. Isso se aplica a religião, a política, a ciência etc. Uma educação libertadora provém da experiência de vida, da abertura de mente para se entender que tudo é interpretação, de que o conhecimento não é cristalizado, permanente, mas se realiza na capacidade de ver o objeto de várias perspectivas e não sob apenas uma ótica.

## REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 3. Ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. 3. Ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- AZEREDO, V. D. **Nietzsche e a modernidade: ponto de virada**. **Cadernos Nietzsche**, v. 27, 2010, p. 143-168.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2004.
- FOUCAULT, M. **Nietzsche, Freud, Marx**. São Paulo: Princípio Editora, 1997.
- HERMANN, N. Nietzsche: uma provocação para a filosofia da educação. *In*: GHIRALDELLI, P. (org.). **O que é Filosofia da Educação?** Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 139-156.
- LAROSSA, J. **Nietzsche e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOUREIRO, ROBSON. Adolfo Miranda Oleare. **Da necessária adesão crítico-perspectivista de Nietzsche às ciências**. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 36, n. 76, p. 335-375, jan./abr. 2022. ISSN Eletrônico 1982-596X
- MACHADO, R. **Nietzsche e a verdade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.
- MARQUES, António. **Sujeito e perspectivismo**: seleção de textos de Nietzsche sobre teoria do conhecimento. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- MARTON, S. **Extravagâncias**: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. São Paulo: Discurso Editorial e Editora UNIJUÍ, 2000.
- MARTON, S. **Nietzsche**: a transvaloração dos valores. São Paulo: Editora Moderna, 1993.
- MARTON, S. **Nietzsche**: filósofo da suspeita. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2010.
- MENDONÇA, SAMUEL. ARANTES, PATRÍCIA NUNES. **Educação aristocrática ou emancipatória em Friedrich Nietzsche**. *Intellectus Revista Acadêmica Digital*, Vol 68 N.º1 Ano 2022. Disponível em: <http://www.revistaintellectus.com.br/revista/79.pdf#page=4> . Acesso em 02 de março de 2023.

NETO, FALCÃO. BRASIL, ALEXANDRE. **Nietzsche, fisiologia e educação**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229895> . Acesso em 02 de março de 2023.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.  
NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos ou a filosofia a golpes de martelo**. Curitiba: Hemus, 2001.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **História da Educação: de Confúcio a Paulo Freire**. 1 Ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SAFRANSKI, Rüdigger. **Nietzsche**: biografia de uma tragédia. Trad. Lya Luft. 2ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

SOUSA, Tefischer Huanderson Soares e; LOPES, Gabriel César Dias. **Uma Breve História da Educação: sua relevância, acertos e adequações**. Revista Científica Cognitionis. Vol 4, n1, Miami, 2021. Disponível em <https://revista.cognitioniss.org/index.php/cogn/article/view/108> Acesso em 25 de novembro de 2023.